

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

A nação e o paraíso. Peri e Macunaíma, a construção do herói nacional .

Manoel Messias Rodrigues Santos.

Cita:

Manoel Messias Rodrigues Santos (2009). *A nação e o paraíso. Peri e Macunaíma, a construção do herói nacional. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/460>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

A nação e o paraíso

Peri e Macunaíma, a construção do herói nacional

Manoel Messias Rodrigues Santos

*Universidade Federal de Sergipe
hamunaptra_leonam@hotmail.com*

As transformações por que passou o Ocidente no final do século XVIII e no início do século XIX lançaram as bases não só da modernidade européia, mas também do processo de pós-colonialismo, no qual se inscreve a experiência “moderna” da América Hispânica e Portuguesa. Segundo Bhabha (2005) a crítica pós-colonial emerge do testemunho colonial dos países do chamado Terceiro Mundo frente à formação de discursos ideológicos da modernidade que tentam dar uma “normalidade” hegemônica ao desenvolvimento irregular e às histórias diferenciadas das nações.

Se por um lado a dinâmica de formação dos países latinos se deu através de um processo de importação cultural, político e econômico, visto que as metrópoles pretendiam transpor para a América as mesmas configurações das nações européias, vendo-as na verdade como uma extensão de seus domínios. Por outro, os modelos que aqui chegaram, foram ganhando novas formas à medida que entravam em contato com as novas dinâmicas sociais que emergira nas colônias. Desse modo, assegura Badie (1992), as dissonâncias culturais tornaram-se os elementos de cristalização das disfunções que acompanharam este processo e que irá gerar a busca pela cor local. Na verdade, o impacto de uma ordem original de fatores – de instituição, de imaginação, de concepção – decorrentes de uma realidade nova, viabiliza, pela primeira vez, uma saída latino-americana onde se operará na unidade do colonizador, o surgimento de uma dimensão francamente americana na maneira de intervir e pensar a nação.

Por isso, a perspectiva pós-colonial abandona as tradições da sociologia do subdesenvolvimento ou teoria da dependência para exigir formas de pensamento dialético que não

recusem ou neguem a outricidade que constrói o domínio do simbólico das identificações psíquicas e sociais. É no confronto com o outro que se estabelecem os processos de diferenciação e indiferenciação, responsáveis pelas identidades. Para Bhabha (2005) é no encontro com o outro que são ativados uma série de elementos a partir dos quais se inscreve a história da nação ocidental moderna. É na experiência de migração – seja espacial, se pensarmos o negro e o europeu; seja simbólica, no caso do ameríndio que é deslocado de sua cultura para a imposição de uma nova estrutura cultural: a do colonizador – que a nação preenche o vazio deixado pelo sentimento de desenraizamento de comunidades e parentescos, transformando esta perda na linguagem da metáfora que transporta o significado de casa e do sentir-se em casa através da distância e diferenças culturais que transpõem a comunidade imaginada do povo nação.

Dessa forma, entende-se a nação como uma forma de viver a localidade da cultura, sendo que ela está mais em torno da temporalidade do que sobre a historicidade. É claro que ao propor essa construção cultural de nacionalidade como forma de afiliação social e textual, não se pretende negar-lhes suas histórias específicas e significados particulares dentro de linguagens políticas diferentes; mas, busca-se explorar as estratégias complexas de identificação cultural e de interpelação discursiva que funcionam em nome do povo ou da nação e os tornam sujeitos imanentes e objetos de uma série de narrativas sociais e literárias.

Neste processo de metaforização dos povos de comunidades imaginadas, assegura Bhabha (2005), o espaço do povo-nação moderno nunca é simplesmente horizontal. Seu movimento metafórico requer um tipo de duplicidade de escrita e temporalidade de representação que se move entre formas culturais e processos sociais sem uma lógica causal centrada. Tais movimentos culturais dispersam o tempo homogêneo, visual, da sociedade horizontal, ao mesmo tempo em que exige um outro tempo de escrita que seja capaz de inscrever as interseções ambivalentes e quiasmáticas de tempo e lugar que constituem a problemática experiência moderna da nação ocidental.

Sendo assim as fronteiras da modernidade estão encenadas numa temporalidade ambivalente do espaço-nação. A linguagem da cultura e da comunidade equilibra-se nas fissuras do presente, tornando-se as figuras retóricas de um passado nacional, por isso, continua Bhabha (2005) é somente no tempo disjuntivo da modernidade da nação como um saber dividido entre a racionalidade política e seu impasse, entre os fragmentos e retalhos de significação cultural e as certezas de uma pedagogia nacionalista que as questões da nação como narrativa vêm a ser

colocada. Escrever a história da nação exige, portanto, que se articulem as ambigüidades que embasam o tempo da modernidade.

É, por sua vez, na leitura entre as fronteiras do espaço-nação que se pode ver a maneira como o conceito de povo emerge numa série de discursos através dos quais ele ganha forma e se sedimenta não simplesmente como evento histórico ou como componente de um corpo político patriótico, mas vai além ao se configurar numa complexa estratégia retórica de referência social. Em outras palavras, diz Bhabha (2005, p.)

O povo consiste em “objeto” histórico de uma pedagogia nacionalista que atribui ao discurso uma autoridade que se baseia no preestabelecido ou na origem histórica constituída no passado; ele consiste ainda em “sujeito” de um processo de significação que deve obliterar qualquer presença anterior ou originária do povo-nação para demonstrar os princípios prodigiosos, vivos, do povo na contemporaneidade, como aquele signo presente através do qual a vida nacional é redimida e reiterada como um processo reprodutivo.

Os fragmentos, retalhos e restos da vida quotidiana devem ser repetidamente transformados nos signos de uma cultura nacional coerente, enquanto o próprio ato da performance narrativa interpela um círculo crescente de sujeitos nacionais. Na produção da nação como narração ocorre uma cisão entre a temporalidade continuísta, cumulativa, do pedagógico e a estratégia repetitiva, recorrente, do performático. É através deste processo de cisão que a ambivalência conceitual da sociedade moderna se torna o lugar de escrever a nação.

Nesta perspectiva, a necessidade de escrever a nação soma-se a tendência universal do Romantismo de remexer no passado nacional, de rebuscar nos escombros a alma e a tradição de cada povo e encontraria na América Latina uma maior receptividade, pois o que se buscava era afirmar frente à Europa o espírito nacional dos novos estados-nação, desejosos de fundar e internalizar uma identidade nacional que emana de uma idéia de nação articulada na tensão entre poder significar o povo como presença histórica, portanto possuidora de um caráter pedagógico e a sua construção na performance da narrativa, seu presente enunciativo, marcado na repetição e pulsação do signo nacional. O pedagógico funda sua autoridade em uma tradição do povo, descrita por si mesma, encapsulada numa sucessão de momentos históricos que representa uma eternidade,

produzida por autogeração. O performativo intervém na soberania da autogeração da nação ao lançar uma sombra entre o povo como imagem e sua significação como um signo diferenciador do EU, distinto do OUTRO ou do EXTERIOR. Neste contexto, o discurso literário emerge como um instrumento primordial para a construção de uma mitologia que de algum modo remarcasse e definisse o povo, através da edificação do herói nacional, daquele que trará sintetizado em si os valores, crenças, desejos e principalmente as características sobre as quais se sustentará a nação. Para isso, contou com o mais autêntico e recôndito do nosso passado: a civilização pré-colombiana.

O contexto brasileiro não seria diferente. A autonomia política ao instaurar o Estado-Nação encontrou no projeto literário uma ferramenta de construção da mítica telúrica que lança as bases para se pensar a identidade nacional. Há, portanto, o propósito de fundar uma fantasia autônoma capaz de plasmar a imagem singularizadora da nascente nacionalidade. O escritor, por sua vez, procuraria compensar a falta de uma tradição individualizadora do homem americano com a edificação de uma mitologia que definisse e caracterizasse o ser brasileiro, recorrendo à heroicização do componente étnico que estava no processo estruturador do novo país: o índio; numa dinâmica que vai do nacionalismo romântico à brasilidade modernista, sendo plasmados respectivamente em duas grandes obras: “O Guarani” (1857) de José de Alencar e “Macunaíma” (1928) de Mário de Andrade.

PERI: AS ORIGENS DE NOSSA GENTE.

Em “O Guarani”, Alencar criou o herói clássico, síntese dos valores e aspirações coletivas que sustentará a busca pelas origens ancestrais da nação que ora nascia. Como observa o próprio Alencar (2005) em nota no romance, o título dado ao livro - o guarani – significa o indígena brasileiro, aquele que está na base da formação da nova nação e a partir do qual se delineará uma espécie de gênese do brasileiro. A obra, continua o autor,

Representa o consórcio do povo invasor com a terra americana, que dele recebia a cultura, e lhe retribuía nos eflúvios de sua natureza virgem e nas reverberações de um solo esplêndido. (...) É a gestação lenta do povo americano, que devia sair da estirpe lusa, para continuar no Novo Mundo as gloriosas tradições de seu progenitor.

No primeiro momento, o romance aborda a descrição da civilização representada pelos domínios de D. Antônio de Mariz, fidalgo português que nos fins do século XVI, fiel ao projeto colonizador da coroa portuguesa - submetida naquele período ao domínio espanhol, instala uma fazenda às margens do rio Paquequer. O segundo momento, marcado pelo ataque dos Aimorés lança por terra a esperança de uma sociedade portuguesa no solo brasileiro: a ordem da civilização portuguesa deve ser destruída, para que renasça a nação brasileira. Por fim, o terceiro momento, o renascimento, a união de Ceci e Peri. Sozinha no mundo, Ceci se recusa a ir para o Rio de Janeiro, após a destruição dos domínios de seu pai, preferindo ficar com Peri. O final é aberto, sugerindo a fusão de europeus e índios cristianizados e submissos como a fundação da nacionalidade brasileira

A concepção tradicional do herói, tomado aos poemas épicos clássicos funde-se com idéias cavaleirescas, no sentido de acentuar a seleção de valores e sentimentos comuns. É o que acontece com a coletividade que converge para ele uma soma das qualidades e destinos da raça. Assim, Peri é apresentado deste o primeiro momento como um ser prodigioso que reúne força e beleza e principalmente domínio acerca dos elementos presentes na natureza.

Em pé, no meio do espaço que formava a grande abóbada de árvores, encostado a um velho tronco decepado pelo raio, via-se um índio na flor da idade. Uma simples túnica de algodão, a que os indígenas chamavam aimará, apertada à cintura por uma faixa de penas escarlates, caía-lhe dos ombros até ao meio da perna, e desenhava o talhe delgado e esbelto como um junco selvagem. Sobre a alvura diáfana do algodão, a sua pele, cor do cobre, brilhava com reflexos dourados; os cabelos pretos cortados rentes, a tez lisa, os olhos grandes com os cantos exteriores erguidos para a frente; a pupila negra, móbil, cintilante; a boca forte mas bem modelada e guarnecida de dentes alvos, davam ao rosto pouco oval a beleza inculta da graça, da força e da inteligência. Tinha a cabeça cingida por uma fita de couro, à qual se prendiam do lado esquerdo duas plumas matizadas, que descrevendo uma longa espiral, vinham rogar com as pontas negras o pescoço flexível. Era de alta estatura; tinha as mãos delicadas; a perna ágil e nervosa, ornada com uma axorca de frutos amarelos, apoiava-se sobre um pé pequeno, mas firme no andar e veloz na corrida. (ALENCAR, 2005, p.25)

Daí a depuração de linhas e relevos, luz e cor, naquele painel em que o dinamismo da ação épica é desimpedido e inspirado essencialmente na índole guerreira do selvagem americano, seja na força demonstrada ao capturar um tigre; seja em demonstrações de virtude, coragem e abnegação com os quais o narrador vai construindo e solidificando as qualidades de nossos ancestrais, daquele que será o alicerce do povo brasileiro. Ele é, então, o liame entre a natureza ainda selvagem e primitiva, em que se situa e a presença do adventício portador de valores e ideais conforme suas origens peninsulares. Prende-se à tradição cavaleiresca, entre ambições e traições em confronto com a lealdade e o amor do autóctone.

E para mim uma das coisas mais admiráveis que tenho visto nesta terra, o caráter desse índio. Desde o primeiro dia que aqui entrou, salvando minha filha, a sua vida tem sido um só ato de abnegação e heroísmo. Crede-me Álvaro, é um cavaleiro português no corpo de um selvagem. (ALENCAR, 2005, p.49)

Peri revela não só as imagens poéticas, os modos de pensamento, as tendências de seu espírito e as menores particularidades de sua vida, mas também se coloca como aquele que é capaz de grandes sacrifícios em nome do bem comum. Demarcado o ponto inicial da nacionalidade, torna-se possível unir o passado e o presente de um povo e sua tradição alcança um ritual de repetição, de celebração a partir do momento em que os feitos heróicos são glorificados e reverenciados pela memória nacional, tornando-os essenciais aos valores cívicos.

O herói foi modelado segundo a imagem que se desejava para os homens que formavam a nação, pois ele não é senão o amálgama magistral dos caracteres de um povo, que o elaborou na sua inexaurível força criadora. Representar a "realidade original", ou seja, do início, da origem. O mito penetra na narrativa com o valor funcional de produzir o sentido do texto, uma vez que explicita o quadro da nacionalidade, relacionado com a realidade historicamente comprovável. Para isso, são instauradas as duas narrativas a fim de sustentar o entendimento dos discursos, os quais se constituem em um universo fechado, limitado, preso a um solo lingüístico, social e cultural, a fim de a obra adquirir exatamente o caráter fundador de uma nação. Conectar a história à literatura formaria o conhecimento exemplar, a possibilidade de se decifrar a origem para o entendimento da realidade, pois ambas são fundamentais para se forjar o passado e traçar a identidade e o destino dos povos e das nações.

Desse modo, plasmados por uma dupla visão épica e lírica, o herói e a heroína projetam valores, tradições e sentimentos sob os quais edificam a gestação do povo brasileiro. Para tanto, numa perspectiva americanista, Alencar retoma a versão indígena do repovoamento da terra após o dilúvio universal e sugere que o homem refeito após o dilúvio será responsável por uma nova nação.

Então passou-se sobre esse vasto deserto de água e céu uma cena estupenda, heróica, sobre-humana; um espetáculo grandioso, uma sublime loucura. Peri alucinado suspendeu-se aos cipós que se entrelaçavam pelos ramos das árvores já cobertas de água, e com esforço desesperado cingindo o tronco da palmeira no seus braços hirtos, abalou-o até as raízes. Três vezes os seus músculos de aço, estorcendo-se, inclinaram a haste robusta; e três vezes o seu corpo vergou, cedendo a retração violenta da árvore, que voltava ao lugar que a natureza lhe havia marcado. Luta terrível, espantosa, louca, esvairada: luta da vida contra a matéria; luta do homem contra a terra; luta da força contra a imobilidade. Houve um momento de repouso em que o homem, concentrando todo o seu poder, estorceu-se de novo contra a árvore; o ímpeto foi terrível; e pareceu que o corpo ia despedaçar-se nessa distensão horrível: Ambos, árvore e homem, embalançaram-se no seio das águas: a haste oscilou; as raízes desprenderam-se da terra já minada profundamente pela torrente. A cúpula da palmeira, embalançando-se graciosamente, resvalou pela flor da água como um ninho de garças ou alguma ilha flutuante, formada pelas vegetações aquáticas. Peri estava de novo sentado junto de sua senhora quase inanimada: e, tomando-a nos braços, disse-lhe com um acento de ventura suprema:

-- Tu viverás!...

Cecília abriu os olhos, e vendo seu amigo junto dela, ouvindo ainda suas palavras, sentiu o enlevo que deve ser o gozo da vida eterna.

(...)

Ela embebeu os olhos nos olhos de seu amigo, e lânguida reclinou a loura frente.

O hálito ardente de Peri bafejou-lhe a face.

Fez-se no semblante da virgem um ninho de castos rubores e límpidos sorrisos: os lábios abriram como as asas purpúreas de um beijo soltando o vôo.

A palmeira arrastada pela torrente impetuosa fugia...

E sumiu-se no horizonte. (ALENCAR, 2005, p.324)

A lenda parece que irá se repetir, está lançada a semente da qual irá brotar mais tarde o povo brasileiro.

MACUNAÍMA: O HERÓI SEM NENHUM CARÁTER

“Macunaíma”, rapsódia nacionalista, procura discutir a identidade brasileira sob a ótica cômica e surrealista, fazendo uso dos mitos indígenas, lendas e provérbios populares. Somando estratos míticos e etnográficos da cultura indígena a vicissitudes de uma nação em incipiente processo industrializador; Mário de Andrade ambiciona não tanto compor, em torno de seu herói, uma fantasia de fundo meramente indianista, mas a própria imagem do ser político nacional em amálgama. É aqui que o processo de reflexão modernista, como um grande leque de arejamento crítico, primeiro se abre ao novo das transformações universais do mundo entre - guerras, para depois fechar-se sobre a perplexidade da brasilidade e repensá-la já não mais apenas em termos de linguagem, mas, sobretudo, de realidade.

No fundo da mata virgem nasceu Macunaíma, herói da nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram Macunaíma. (ANDRADE, 1982, p.09).

Da epopéia no sentido de canto exaltador do mito capital de um povo, Macunaíma aproxima-se do maravilhoso ameríndio e negro puxado ao absurdo surrealista: o maravilhoso ludicamente concebido e praticado por mentes ingênuas, peculiar às lendas e crendices disseminadas pelas principais etnias que constituem o brasileiro, “herói sem nenhum caráter”.

O herói brasilíndio percorre os quatro cantos do Brasil, vivendo a cada passo o seu rico e variado lendário; o maravilhoso é o próprio espaço dessa errância apenas interrompida pela morte, como se o sobrenatural brotasse da realidade do solo e da gente: o país todo é um palco de maravilhas. Como um cavaleiro andante que atravessa o continente brasílico em busca da muiiraquitã, mas um cavaleiro entregue a uma disponibilidade inconseqüente de índio menino-homem, submisso aos instintos, sobretudo sexuais e às artimanhas para sobreviver aos perigos da selva e da cidade grande. Daí as ambigüidades com as quais vai se delineando suas virtudes – inteligente, criativo, respeita a tradição de seu povo, cativante – e seus defeitos – ganancioso, obsceno, preguiçoso, malandro.

Foi, portanto, na obra do etnólogo alemão Koch-Grünberg que Mário de Andrade (FERNANDES, 1958, p.39), paradoxal e muito antropofagicamente, encontrou a essência do brasileiro. O próprio autor de Macunaíma, em prefácio que nunca chegou a publicar com o livro, nos conta como ocorreu a descoberta:

O que me interessou por Macunaíma foi incontestavelmente a preocupação em que vivo de trabalhar e descobrir o mais que possa a entidade nacional dos brasileiros. Ora depois de pelejar muito verifiquei uma coisa que me parece certa: o brasileiro não tem caráter. Pode ser que alguém já tenha falado isso antes de mim porém a minha conclusão é uma novidade para mim porque tirada da minha experiência pessoal. E com a palavra caráter não determino apenas uma realidade moral não, em vez entendo a entidade psíquica permanente, se manifestando por tudo, nos costumes na ação exterior no sentimento na língua na História na andadura, tanto no bem como no mal. O brasileiro não tem caráter porque não possui nem civilização própria nem consciência tradicional. Os franceses têm caráter e assim os jorubas e os mexicanos. Seja porque civilização própria, perigo iminente, ou consciência de séculos tenham auxiliado, o certo é que esses uns têm caráter. Brasileiro não. Está que nem o rapaz de vinte anos: a gente mais ou menos pode perceber tendências gerais, mas ainda não é tempo de afirmar coisa nenhuma. [...] Pois quando matutava nessas coisas topei com Macunaíma no alemão de Koch-Grünberg. E Macunaíma é um herói surpreendentemente sem caráter.

Fruto de uma espécie de *divertissement*, por sinal reconhecido pelo autor, Macunaíma centra-se num herói rabelaisiano, um verdadeiro anti-herói, já que sem nenhum caráter como a exprimir a colcha de retalhos étnicos do nosso país e a falta de valores sólidos no brasileiro típico. Herói dionisiaco, vive para o prazer dos sentidos, sem os desígnios que historicamente caracterizavam os heróis – por natureza semideuses – da tradição. Herói faunesco, pândego, pícaro sem malícia, inocente na prática do bem e do mal, porque nietzschianamente acima deles, experimenta todas as reações humanas, foge dos perigos, chora e chega até a morrer e sua conversão na Ursa Maior representa o cúmulo do abandono da sua condição heróica. “A Ursa Maior é Macunaíma. É mesmo o herói capenga que de tanto penar na terra sem saída e com muita saúva, se aborreceu de tudo e foi-se embora e banza solitário no campo vasto do céu”. (ANDRADE, 1982, p.221).

Tendo construído Macunaíma a brincar, Mario de Andrade fez humor como se estivesse narrando uma série de anedotas acerca do *homo brasiliensis* que a sua visão descortinava. Compelindo-o a encarar o retrato do herói de sua gente como um jogo, um exercício salutar de catarse, incluindo-se ele próprio no riso disparado pelas façanhas eróticas do filho da índia tapanhumas. De qualquer modo reflete-se a complexidade do povo brasileiro criado a imagem e semelhança de Macunaíma, herói da nossa gente.

Referências bibliográficas

- ALENCAR, Heron de. José de Alencar e a ficção romântica. In. COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil: era romântica**. São Paulo: Global, 2002.
- ALENCAR, José de. **O Guarani**. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- ANDRADE, Mário. **Macunaíma**. São Paulo: Circulo do Livro, 1999.
- BADIE, Bertrand. **L'état importé: occidentalisation de l'ordre politique**. Paris: Fayard, 1992.
- BHABHA, Homi.K. Disseminação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. In. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- FERNANDES, Lúcia. **71 cartas de Mário de Andrade**. Rio de Janeiro: São José, 1958.
- MASSAUD, Moisés. **História da literatura brasileira: Modernismo**. São Paulo: Cultrix, 2005.